

ESTUDAR, TRABALHAR E CUIDAR? RELAÇÕES DE GÊNERO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Lorrayne Salomé Alves ¹

Thatiane Santos Ruas ²

RESUMO

Trata-se de um recorte de uma pesquisa monográfica, desenvolvida no curso de Pedagogia da UEMG, Unidade Ibirité, entre os anos de 2020 e 2021, que teve como temática central as relações sociais de gênero no contexto da pandemia do COVID-19, considerando a conciliação das esferas acadêmicas, laboral e doméstica por mulheres estudantes de três graduações. Assim, o objetivo deste artigo é trazer algumas discussões teóricas e alguns dados empíricos sobre as relações de gênero, divisão sexual do trabalho e alguns intervenientes, sobretudo para as mulheres, no atual contexto de distanciamento e isolamento social. A abordagem metodológica é do tipo qualitativa e foram utilizados como procedimentos de pesquisa a revisão de literatura e coleta de dados por meio de questionário direcionado à alunas de cursos de graduações. Os resultados evidenciam a reprodução das desigualdades das relações sociais de sexo na vida diária de mulheres que acumulam tarefas e se sentem sobre carregadas ainda mais no contexto atual de pandemia. Conclui-se que são necessárias ações educativas, conscientizadoras e provocadoras de rompimentos com as assimetrias de gênero, em que se destaca o papel fundamental da escolarização formal para a promoção de posturas e práticas transformadoras.

Palavras-chave: Relações de gênero, Divisão sexual do trabalho, Conciliação, COVID-19.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa monográfica, desenvolvida no curso de Pedagogia da UEMG, Unidade Ibirité, entre os anos de 2020 e 2021, que teve como temática central as relações sociais de gênero no contexto da pandemia do COVID-19, considerando a conciliação das esferas acadêmicas, laboral e doméstica por mulheres estudantes de três graduações. Assim, o objetivo deste artigo é trazer algumas discussões teóricas e alguns dados

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia, da Universidade do Estado de Minas Gerais, lorrainesalome02@gmail.com;

² Professora orientadora e coautora, mestra em Educação Tecnológica, Universidade do Estado de Minas Gerais, thatiane.ruas@uemg.br

empíricos sobre as relações de gênero, divisão sexual do trabalho e alguns intervenientes, sobretudo para as mulheres, no atual contexto de distanciamento e isolamento social.

Em um primeiro momento, destaca-se a necessidade de distinção dos termos sexo, sexualidade e gênero, comumente confundidos. Desse modo, pode-se dizer que gênero é um termo que remete a construção do que é ser mulher e homem em uma dada sociedade situada culturalmente, historicamente, socialmente, politicamente, geograficamente, sendo definido. Já a palavra sexo, no contexto das relações de gênero, de acordo com Louro (2000, p. 39) refere-se “às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não ao que nos une”, já sexualidade é definida por Louro (2000, p.40), como uma “[...] série de crenças, comportamentos, relações e identidade socialmente construídas e historicamente modeladas”.

As sociedades e comunidades nem sempre foram como conhecemos hoje. Muraro (1997) nos mostra que há dois milhões de anos, as sociedades presentes na Terra tinham como princípio a coletividade, eram nômades, matrilineares e, como forma de subsistência, possuíam a coleta e a caça de pequenos animais. Essas sociedades organizavam-se em torno da figura da mulher, da mãe, era até então desconhecido o papel masculino na reprodução, as mulheres tinham um papel central, eram tidas como seres sagrados, capazes de gerar a vida e contribuindo para a fertilidade da terra e continuação da espécie.

As mulheres e os homens regiam as comunidades em conjunto, os papéis exercidos pelos mesmos não eram fixos e as relações sexuais normalmente não eram monogâmicas. As relações nas tribos eram bastante igualitárias, nunca tendo existido como afirma Muraro (1997) uma sociedade matriarcal, sendo considerado que, ao contrário do que pensava Lévi-Straus e Freud, as primeiras sociedades humanas devem ter sido um conjunto de mães e seus filhos. Todos os membros trabalhavam em conjunto para a sobrevivência, colhendo e coletando frutas, raízes e o que mais fosse necessário para a sobrevivência do grupo, cabendo a todos o cuidado com as crianças e jovens do grupo. Nas sociedades matrilineares, como afirma a autora, havia sim divisões das tarefas, mas não desigualdade, elas se completavam.

Somente cerca de 4 milhões de anos (MURARO,1997) foi que as comunidades passaram a se utilizar da agricultura, da caça e do fogo. Nesse meio tempo se sistematiza as atividades agrárias e a espécie humana deixa de ser nômade e passa a criar e habitar as primeiras aldeias, cidades e assim por diante, tornando- se fixos em um determinado local, ainda assim a atividade básica e principal era a coleta e não a caça. A caça, porém, modificou completamente a relação que possuíamos com a natureza, assim como, segundo alguns pensadores “adiminuição do status

da mulher na maioria das sociedades primitivas” (MURARO,1997). Iniciaram-se a partir daí relações de competitividade e violência.

Ainda assim, enquanto coletores/caçadores as comunidades parecem ter convivido em harmonia e igualdade. Porém, quando grávidas as mulheres ficavam responsáveis pelo cuidado com a alimentação do grupo e cuidado com as crianças, enquanto os outros membros da tribo caçavam e coletavam.

É possível, assim, que a divisão sexual do trabalho tenha começado por que os homens queriam uma definição de suas funções como as mulheres tinham a sua, através da maternidade. (MURARO, 1997, p. 24)

Até então cabia aos homens, mas não unicamente a eles, a caça, e às mulheres, mas não unicamente, o cultivo da terra, coleta do alimento e cuidado com as crianças, cabendo salientar que,

A prática da caça é responsável pelo desenvolvimento da inteligência nos homens, mas a prática da coleta pelas mulheres também requer habilidades, energia e inteligência, principalmente se for considerada a necessidade de dar, paralelamente, atenção aos filhos. Além disso, ambas as atividades exigem a socialização de seus participantes, que precisam aprender a cooperar com seus companheiros (as) de tarefa, para garantir a sobrevivência individual e do grupo. (BADINTER, 1986, p. 36-38 apud TRAVASSOS, 2003).

Os homens, até aquele momento, não conheciam a sua participação na reprodução, as mulheres eram glorificadas e tidas unicamente como responsáveis pela reprodução da espécie. Contudo quando estes descobrem o seu papel na reprodução, passam a controlar a fecundidade das mulheres, seu corpo e sexualidade “o poder adivinha do controle da reprodução” (MURARO, 1997), mais tarde, as relações passam a ser em sua maioria monogâmicas, se estabelece a divisão sexual social do trabalho, instalando-se o patriarcado.

No princípio era a Mãe. O Verbo veio muito depois e iniciou uma nova era: o patriarcado. Com o surgimento do patriarcado, que de acordo com Millet e Scott, mencionadas por Narvaz e Koller (2006) é tido como uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. De acordo com as autoras, a supremacia masculina atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas, houve a legitimação do controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e privilégios (MILLET, 1970; SCOTT, 1995) Muraro também afirma que,

em quase todas elas (sociedades) o que o homem produz é mais valorizado do que o produto da mulher, embora em outras sociedades o que a mulher faz seja exatamente o

trabalho que o homem executa. Na maioria destas sociedades, não é a importância da coisa produzida, mas o gênero ou a pessoa que a faz confere distinção ao que é feito. (MURARO, 2002, p.39)

Deste modo, socialmente foram sendo definidos os papéis sociais de gênero. Às crianças é ensinado desde o berço que certas tarefas e atitudes pertencem à mulher e outras apenas aos homens (MURARO, 2002, p.57). Indo de encontro às afirmações de que as condições das mulheres são naturais a elas, Simone de Beauvoir diz que ninguém nasce mulher: torna-se mulher, assim, percebemos como o conceito de gênero é culturalmente construído e, como tal pode ser reconstruído, especialmente em vista do rompimento com as desigualdades de gênero que assolam nossa sociedade. Nesse sentido, ressalta-se que o tema trazido à discussão é de suma relevância para o campo da educação e para todos os setores da sociedade.

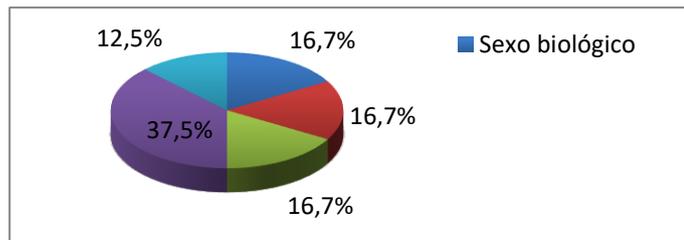
METODOLOGIA

A abordagem metodológica é do tipo qualitativa, levando em consideração que a mesma não se detém na representação numérica, mas, sim, na busca em aprofundar no conhecimento e compreensão de um determinado tema, recorte da realidade, grupo de pessoas, etc. Quanto aos procedimentos de pesquisa, utilizou-se: a) um questionário, constituído por 22 perguntas fechadas e 1 pergunta aberta, não obrigatória. Os sujeitos da pesquisa foram alunas matriculadas em cursos de Direito e Medicina de uma instituição de educação particular, totalizando 24 graduandas. Para a escolha dos cursos e da Universidade para a realização da pesquisa empírica foi considerada a disponibilidade e facilidade de acesso. O questionário foi construído no *google forms* e disponibilizado por meio de um *link* às estudantes, b) a revisão de literatura, por meio de pesquisa documental e bibliográfica. Esta última, foi elaborada com base, segundo Gil (2010, p.29-31) “em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. Sobre a pesquisa documental, Gil (2010, p.73) afirma que, ela se propõe “a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das tratativas realizadas no questionário e nessa pesquisa foi acerca da significação dos termos gênero, sexo e sexualidade. Sobre tal significação por parte das alunas temos as figuras a seguir:

Figura 1 - Sentido atribuído ao termo gênero

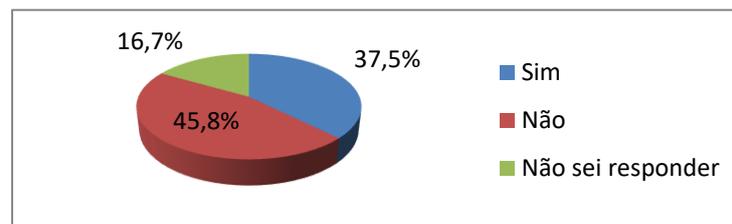


Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

A maioria das alunas (37,5%), relacionou o termo gênero à “Construção sócio-histórica e cultural do que é ser homem e ser mulher na sociedade”, o que está correto, uma vez que Louro (1998) afirma que, a construção do gênero, assim como os papéis a ele atribuídos, são construídos na sociedade baseados nas relações e na política.

Quanto as outras alternativas, 50,1% das alunas atribuíram ao termo gênero os sentidos de sexo biológico, orientação sexual ou feminino e masculino, sendo um equívoco de acordo com Louro (1998). Dessa forma, vamos nos deter sobre outro dado importante abordado na figura 14, onde as graduandas responderam se, para elas, as pessoas já nascem com o gênero determinado.

Figura 2 - As pessoas já nascem com um determinado gênero?

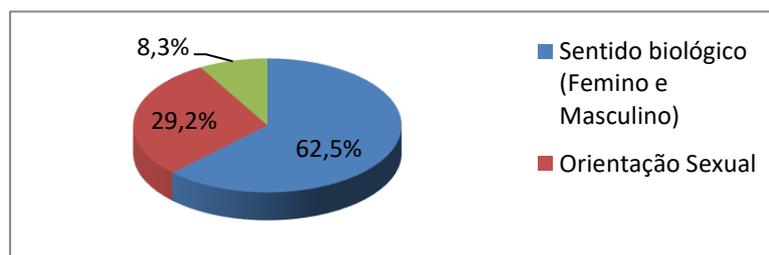


Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

Através dessa pergunta, foi possível perceber que 45,8% das alunas compreendem que não se nasce com determinado gênero, como destacado por Louro (2008) a diferença entre os gêneros “é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é "ensinada", assim percebemos como o gênero é culturalmente construído. Entre as alunas respondentes, 37,5 % acreditam erroneamente que já nascemos com o gênero definido e 16,7% não souberam responder.

Analisando outros dados importantes, observamos qual sentido as graduandas atribuem ao termo sexo (FIGURA 15), assim como ao termo sexualidade (FIGURA 16).

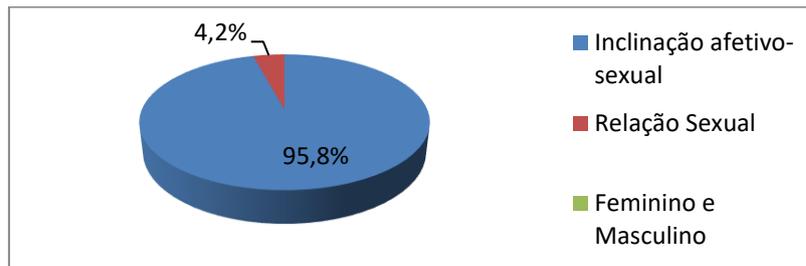
Figura 3 - Conceitos atribuídos a sexo



Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

Quanto ao termo sexo, para 62,5% está ligado ao sentido biológico, e portanto, diferenças anatômicas, 29,2% atribuem a orientação sexual e 8,3% atribuíram a relações sexuais. Dessa forma, a maioria das participantes está correta, pois de acordo com Louro (2000, p. 39) sexo “se refere às diferenças anatômicas entre homens e mulheres” e ainda às “[...] diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres”.

Figura 4 - Conceitos atribuídos a sexualidade



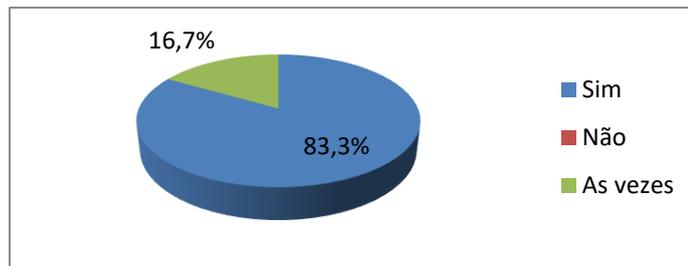
Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

A maioria das alunas, representadas por 95,8% das respondentes, comunga com as ideias de Louro (1997), uma vez que, ao responderem à pergunta afirmaram que, para elas, o conceito atribuído ao termo sexualidade é “inclinação afetivo-sexual”, Louro (1997), nos traz que sexualidade refere-se a busca pelo prazer manifestado através do desejo afetivo-sexual, desenvolvendo-se ao longo da vida e podendo estar em constante mudança.

Através dessas perguntas, foi possível perceber claramente que, embora grande parcela das respondentes esteja equivocada em relação aos sentidos atribuídos aos termos pesquisados, a maioria partilha do mesmo ponto de vista em relação aos significados atribuídos a gênero, sexo e sexualidade. Sobre as temáticas de gênero, é sempre importante observamos, compreendermos e buscar levantar discussões e estudos, visto que, Candau e Moreira (2013, p.93) enfatizam que os “significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual é que são utilizados na compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais e, mais particularmente, as relações entre homens e mulheres”.

Baseando-nos em Hirata e Kergoat (2007), temos a divisão do trabalho decorrente das relações sociais entre os sexos, sua principal característica é a designação prioritária dos homens a esfera produtiva e das mulheres a esfera reprodutiva. Buscando compreender como se dá no ambiente familiar das graduandas a divisão sexual do trabalho, assim como as relações de gênero, temos as figuras a seguir.

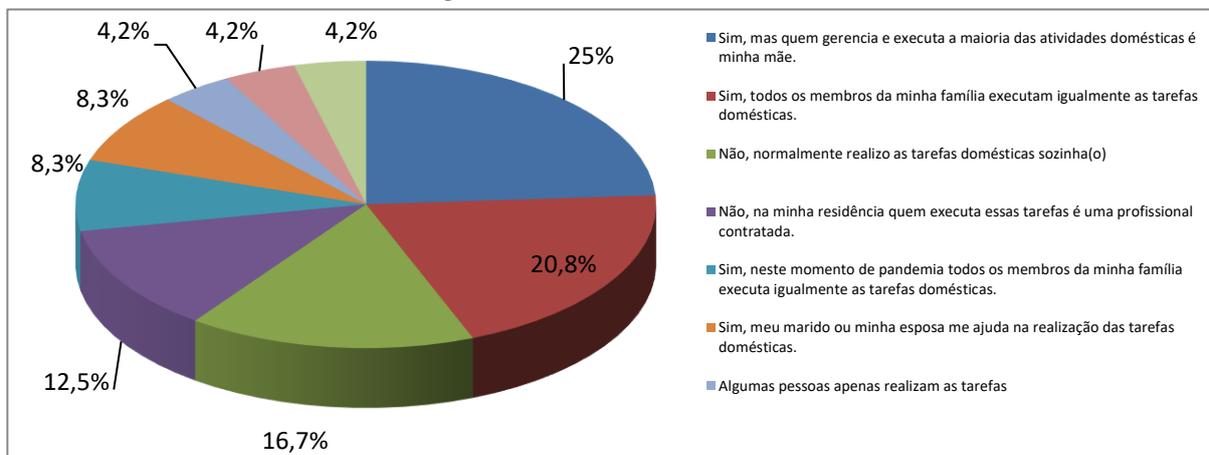
Figura 5 - Realização das tarefas domésticas



Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

Inicialmente, perguntamos as alunas se elas realizam as tarefas domésticas em sua residência, todas responderam que realizam em algum momento as tarefas domésticas. A próxima pergunta se referiu a divisão das tarefas, buscamos compreender se há ou não a divisão das tarefas entre os membros do grupo familiar.

Figura 6 - Divisão das tarefas domésticas



Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

A grande maioria, expressa por 70,9% afirmou que, quem é responsável pela realização direta das tarefas domésticas ou gerenciamento e organização das mesmas é uma mulher, somente 29,1% responderam que à divisão das tarefas entre os membros da casa, 20,8% declararam que todos os membros da família tem executado igualmente as tarefas domésticas, e 8,3% declaram que neste momento de pandemia, todos os membros da família executam igualmente as tarefas domésticas, como apresentado anterior pelos dados do IBGE (2017), as mulheres realizam quase o dobro de horas de tarefas domésticas ou cuidados com algum membro familiar em relação aos homens..

Os dados obtidos reiteram as afirmações de Hirata e Kergoat (2007), à existência de dois princípios organizadores, o princípio da separação e da hierarquização, o primeiro define e separa o que seriam trabalhos de homens e de mulheres e o segundo é quando o trabalho executado pelos homens é mais valorizado que o realizado pelas mulheres. Há ainda a designação, para a maioria das mulheres, da esfera reprodutiva, onde as mesmas responsabilizam-se pelas tarefas voltadas

para o cuidado, as tarefas domésticas, socialização e educação das crianças, esses trabalhos são normalmente desvalorizados e invisibilizados.

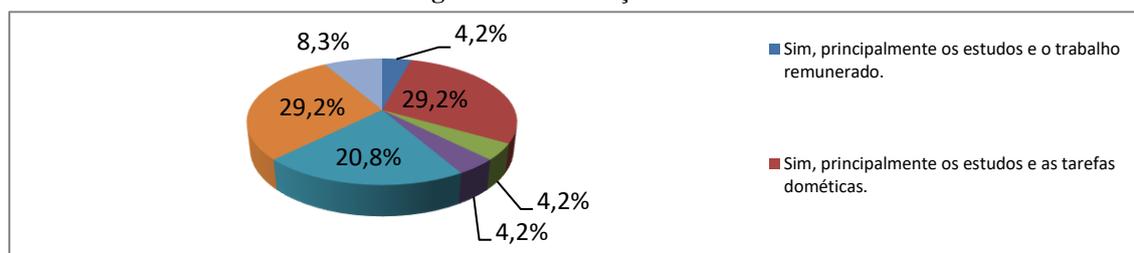
Morava sozinha e agora no isolamento, por redução de gastos financeiros voltei a morar com meus pais na minha cidade natal, e ajudo minha mãe nas tarefas domésticas, principalmente na cozinha com almoço. (GRADUANDA B, 2020)

Como destacado na fala da Graduanda B podemos perceber a reafirmação do lugar da mulher na sociedade e como ocorre à divisão entre os trabalhos ditos de homens e de mulheres a partir da divisão social do trabalho (KERGOAT, 1987), às mulheres é sempre designado os trabalhos de reprodução. Nesse sentido, percebem-se como as diferenças socialmente construídas entre os gêneros são responsáveis pela diferenciação dos papéis sociais atribuídos a cada um, assim é acentuado segundo Furno (2015) como “as relações sociais de gênero refletem-se no interior da sociedade capitalista, especialmente nos espaços da família/lar, e na perspectiva do trabalho assalariado”.

Ao responderem, 50% afirmaram que a criança não recebeu atividades/tarefas da escola, mas elas têm buscado realizar por conta própria e 50% responderam que elas têm estado responsáveis por auxiliar na realização das atividades escolares. Faz-se necessário destacar que no momento da realização da pesquisa, a maioria das escolas de educação básica estava com suas atividades suspensas, pois não possuíam orientações para o desenvolvimento do trabalho remoto. Desse modo, ao nos atentarmos para as atividades desenvolvidas pelas mulheres, é evidenciada a sobrecarga na jornada delas que estão em isolamento social em decorrência da pandemia do novo coronavírus (MOREIRA, 2020).

Buscando compreender se nesse momento de isolamento social, as graduandas têm tido dificuldades em conciliar as tarefas que realizam, realizamos no questionário (APENDICE A), a pergunta “Você está tendo dificuldade de conciliar as tarefas que realiza diariamente?”, obtivemos as respostas expressas na figura abaixo.

Figura 7 - Conciliação das tarefas

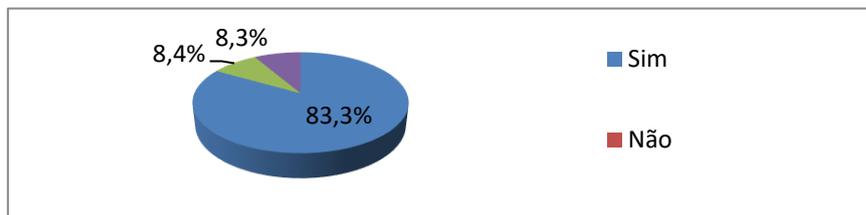


Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

Apenas 8,3%, afirmaram que não tiveram nenhuma dificuldade para a conciliação das tarefas que realizam, as outras 91,7% das alunas afirmaram ter algum tipo de dificuldades na conciliação das tarefas nesse momento. As mulheres estão exaustas (Evans & Ilovatte, 2020), já

estavam antes e no contexto da pandemia com mais atividades a serem realizadas e muitas sem a rede de apoio (avós e/ou escola) que contavam antes, encontram-se tendo dificuldades na conciliação e realização de tantas tarefas.

Figura 8 - Sobrecarga da mulher



Fonte: Dados do questionário aplicado as graduandas, 2020.

Quando perguntadas, se para elas, as mulheres estão mais sobrecarregadas com as tarefas diárias, todas concordaram que em algum momento as mulheres são mais sobrecarregadas que os homens, 8,4% afirmaram que isso ocorre as vezes, 8,3 % que a sobrecarga ocorre tanto para homens como para mulheres e 83,3% afirmaram que sim, à sobrecarga.

Através do depoimento de algumas graduandas podemos compreender melhor as situações vivenciadas, a Graduanda C, destaca que:

Inicialmente o isolamento social provocou um desgaste psicológico e emocional muito grande, além do cansaço físico. Pois, boa parte da minha família são trabalhadores autônomos da área comercial, inclusive eu, e estamos sofrendo com a queda no movimento. Outro ponto é o estudo a distância que requer um esforço maior, tendo em vista o tanto de atividades proposta por todas as disciplinas, pois é a única alternativa possível no momento que estamos vivendo. Por fim, a ansiedade e a insônia assombra todos os dias diante das incertezas de como será daqui para frente. (GRADUANDA C, 2020)

A mesma graduanda destaca ainda as diferenças sentidas em sua residência:

Meu lar antes da pandemia era um lugar menos agitado, ou seja, mais calmo. Atualmente minha casa é virou local de trabalho do meu esposo, a escola da minha filha e a minha faculdade. Logo, com toda essa demanda e mudança não tem como meu lar ser o mesmo. (GRADUANDA C, 2020)

As dificuldades de conciliação das esferas acadêmica, laboral e doméstica já eram sentidas no período anterior a pandemia, mas como podemos observar pelos dados e depoimentos apresentados, tem se intensificado ainda mais, somando a tudo isso, o desgaste psicológico e a crise financeira e política que vem sendo enfrentados no Brasil.

É possível perceber como as relações de desigualdades pressupõem relações de poder, em que alguns grupos são mais privilegiados e valorizados, como afirma Louro (1997, p. 20): para

compreender o lugar e as relações entre homens e mulheres na sociedade, é necessário observar não o sexo, mas o que se constrói a partir dele.

Para além dos casos de violência familiar e doméstica lidamos ainda com os impactos psicológicos na população, que para a contenção da disseminação do SARS- CoV-2, tem se mantido em casa sem a previsão de um retorno, afinal uma das formas de lidar com a crise sanitária foi, segundo Reis dos et al, 2020 "a adoção pelos países da suspensão de atividades não-essenciais, revezamento ou flexibilização de jornadas e trabalho remoto em casa para funcionários públicos e trabalhadores do setor privado" a maior parte dos países adotou desde o início da pandemia políticas para assistência da população e formas efetivas de combater o vírus, o Brasil porém,

(...) sob a justificativa de preservação de empregos e proteção das empresas tem havido a violação de direitos trabalhistas com a flexibilização da legislação vigente, de modo a permitir a suspensão do vínculo de trabalho, a redução da jornada de trabalho e de salários. As populações mais vulneráveis, em especial as mulheres, negras e pobres, estão mais sujeitas à demissão e ao corte de salários, aumentando o número de desempregados e a informalidade. (REIS dos et al, P.14, 2020.)

Com as jornadas de trabalho e as qualificações/estudos sendo realizadas de forma remota, e o aumento das atividades domésticas, afinal tem sido necessários mais cuidados na higienização de produtos, objetos, alimentos e superfícies que tem contato com o exterior, e a diminuição do suporte para o cuidado dos filhos considerando que as escolas e creches encontram-se fechadas, como forma de reduzir a mobilidade social e a disseminação do vírus, a educação e ensino tem ocorrido em casa, além de não poderem contar com os avós e avôs para o cuidado com os filhos, pois eles estão no grupo de risco, tudo isso atrelado ao teletrabalho ou trabalho remoto tem intensificado ainda mais as jornadas das mulheres.

Desse modo, a conciliação das esferas acadêmica, laboral e doméstica que já apresentava dificuldades no período anterior a pandemia, tem tido ainda mais adversidades, como poderemos acompanhar na análise do questionário aplicado a graduandas de Universidade privada que não suspendeu as suas atividades em nenhum momento desde o início da pandemia da COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se como as graduandas conciliam os trabalhos e as rotinas que abarcam as diferentes esferas apresentadas. Para tal, primeiramente abordou-se os termos trabalho e divisão sexual do trabalho, discutindo e apresentando seus significados, uma vez que a divisão sexual do trabalho é construída em decorrência das relações sociais entre os sexos, e sua principal característica é designar prioritariamente aos homens a esfera produtiva e as mulheres a esfera

reprodutiva. Assim, pode-se dizer que, se considerarmos a geração de lucro com um dos pilares do sistema de produção capitalista, podemos inferir que se trata de um modo de produção masculinizado, voltado para o produtivo, espaço esse condicionado aos homens.

Na contramão desse sistema, não menos importante, encontra-se a esfera da reprodução das condições de existência, em que não há a geração de valor monetário, importante reforçar que um não se mantém sem o outro (KERGOAT, 1987), pois o capital necessita do trabalho gratuito e invisível para manter seus trabalhadores em condições de exercício laboral. Percebeu-se que tal cenário foi ecoado por meio das respostas das graduandas, pois foi possível notar como o lugar da mulher é reafirmado na sociedade e como se dá ainda hoje a divisão sexual do trabalho nos moldes da separação e hierarquia.

Por meio da análise das respostas apresentadas no questionário, compreendeu-se que, embora os cursos de Direito e Medicina sejam considerados elitizados, as desigualdades de gênero continuam presentes, uma vez que são predominantemente, as mulheres, as responsáveis pelas tarefas do lar e, no caso das graduandas, a conciliação dos estudos e das outras áreas de suas vidas. Percebeu-se ainda, como a significação errônea dos termos apresentados permite a manutenção da invisibilidade e da inferiorização dos trabalhos tidos como de reprodução pelas próprias mulheres, pois a não conscientização também gera a inercia. E, se pensarmos na questão de classe social, observa-se que a opressão das mulheres ocorre em todas as esferas, sendo agudizada a situação das mulheres pobres, as quais, além de oprimidas, sofrem ainda mais com a exploração econômica.

Diante do exposto, não se pode deixar de dizer o papel que as escolas podem exercer para mudança desse cenário, principalmente quando dispomos de uma educação crítica, libertadora e emancipatória. Assim, é imprescindível que a discussões de gênero estejam presentes em todas as etapas da educação, afinal, como salientado por Louro (2000) “desde o nascimento à interação com diferentes pedagogias envoltas nas discussões de gênero”. O gênero e suas implicações estão sempre presentes, mesmo que não de maneira explícita. A naturalização de desigualdades e preconceitos só pode ser desconstruída a partir de uma educação libertária e democrática, que discuta todas as temáticas e se aproveite do ambiente de ensino e aprendizagem para responder aos questionamentos e dúvidas, gerar novas discussões e a troca de informações.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. Um é o outro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 apud TRAVASSOS, Eliane. **Mulher, história e psicanálise**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FURNO, J. da C. . O Trabalho das Mulheres: entre a produção e a reprodução social. In: VIII Colóquio Internacional Marx e Engels, 2015, Campinas. **Anais do VIII Colóquio Internacional Marx e Engels**. Campinas: CEMARX, 2015. v. v1.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho**. Cadernos de Pesquisa, on-line, São Paulo, n.132, set-dezembro, 2007.

IBGE. “Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil”. **Informação Demográfica e Socioeconômica**, vol. 38, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**. 2. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago./2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 mar. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

MILLET, K. **Política Sexual**. Chicago: University of Illinois Press, 2000 [1969].

MOREIRA, Lisandra Espíndula et al. Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, n. 2, 2020.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. (Org.). **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NARVAZ, Martha Giudice and KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. *Psicol. Soc.* [online]. 2006, vol.18, n.1, pp.49-55. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>.

REIS, Ana Paula dos et al. **Desigualdades de gênero e raça na pandemia de COVID-19: implicações para o controle no Brasil**. SciELO Preprints. 2020.